

COM A PALAVRA



Fotos: ANA MANUELA SOARES ADUFRJ

Osvaldo Coggiola

Demolição dos mercados emergentes está em curso

Na edição de março deste ano, em entrevista ao *Jornal da SEDUFSM*, o professor Osvaldo Coggiola (USP) vaticinou que teríamos uma recessão mundial. Esse foi o título da entrevista concedida ainda no mês de janeiro, durante o Congresso do ANDES em Goiânia (GO). Na oportunidade, Coggiola, que tem formação de economista e historiador, também previu um enfraquecimento da economia brasileira a partir da crise financeira mundial, que recém se instalara. Passados nove meses, ouvimos novamente o professor da Universidade de São Paulo. Desta vez, Osvaldo Coggiola deu um tom ainda mais duro em sua análise. Segundo ele, está se dando em âmbito mundial um processo de reconcentração do capital. Para o historiador e economista da USP, a crise não vai levar por terra apenas o Brasil, mas inclusive a China. Acompanhe a seguir a entrevista:

PERGUNTAS & RESPOSTAS

Pergunta- Em janeiro deste ano, quando o sr. analisou a explosão da bolha especulativa do setor imobiliário dos EUA, imaginava que a crise teria repercussões como as que estão ocorrendo agora? A crise está pior ou está exatamente como o sr. imaginou?

Resposta- Nem melhor nem pior. Os bancos passaram a rejeitar emprestar dinheiro com casas em garantia, e com isso muitas pessoas passaram a vender suas casas para pagar as hipotecas, pois não estavam conseguindo pagá-las. Com as casas caindo de preço estourou a bolha, num curto espaço de tempo. A explosão da bolha especulativa do setor imobiliário foi a faísca da crise geral do capital, não se limita a “esgotar uma nova fase especulativa” como as precedentes (bolha das ações de alta tecnologia, etc.). Na crise dos EUA, os títulos mais problemáticos foram os derivativos de crédito, ou CDS (*credit default swaps*). Como o mercado imobiliário ficou aquecido durante vários anos, as instituições bancárias baixaram os padrões de concessão de financiamentos para a compra de imóveis. Esses empréstimos sem as devidas garantias são chamados “subprime”. As carteiras dos bancos com “subprime” eram em seguida atreladas a CDS, os derivativos de crédito. A instituição financeira empacotava esses títulos e os repassava para outros bancos interessados em comprar o risco. A cadeia era retro-alimentada pelo próprio sistema, pois um CDS poderia ir passando de banco em banco, indefinidamente, com um novo derivativo nascendo a cada operação. Um exemplo de como o mercado “se descontrolou” (mas ele é descontrolado por natureza, ou “cego”, como Marx já o dizia) está na explosão do valor “nacional” dos CDS. Em 2003, o ano começou com US\$ 2,2 trilhões. Em junho passado, a cifra já estava em US\$ 54,6 trilhões. Agora, a bolha estourou.

A crise estourou nos EUA como poderia ter rebentado na Europa, uma vez que a regulamentação em ambos os lados do Atlântico é quase nula. No mundo financeiro de hoje tudo se baseia em expectativas, ou melhor, numa cadeia de expectativas e de confiança, que está quebrada. O financiamento “irracional” do consumo foi uma das vias para o capital escapar da grave crise de superprodução presente desde a década de 1970. Acreditava-se (os teóricos do capital) que as “bolhas” criadas poderiam explodir “em suaves prestações”, fazendo com que o capital achasse, no final do percurso, um novo patamar “sadio” para seu processo de acumulação e reprodução ampliada. Por isso, agora, volta-se a Marx que, n’*O Capital*, já afirmava que o limite do capital é o próprio capital, e que este tende para a auto-dissolução. Os bancos nos EUA já perderam 66% de seu valor, em um ano. General Motors, 90% de seu valor; General Electric, 50%; Tenaris, 70%... em quatro meses. São apenas uma amostra de uma realidade generalizada. Ficaram nessa situação em consequência da queda de sua expectativa de benefícios, por um lado, e de seu endividamento extraordinário, pelo outro. A queda das bolsas afetou o mundo todo desde o início da crise supostamente “americana”, vejamos:

BOLSAS/Índices	Out. 2007/ Mai. 2008	Jan. 2008/ Mai. 2008
Nova York – Down Jones	(-) 8.5 %	(-) 3.3 %
Frankfurt – DAX	(-) 10.9 %	(-) 12.0 %
Tóquio – Nikkei	(-) 20.0 %	(-) 9.0 %
Xangai – SH COMP.	(-) 38.5 %	(-) 33.0 %
Censen – SZ COMP.	(-) 29.0 %	(-) 32.0 %

Fonte: Bloomberg.

Os capitalistas agora reivindicam fundos do Estado para sair de seu estado de bancarrota, mas nenhum Estado da Terra têm os meios financeiros para salvar o capital em seu conjunto. O governo dos EUA já comprometeu trilhões de dólares para assistir a seus grupos mais poderosos, dinheiro que será tirado dos gastos sociais, e obrigará um endividamento espetacular do Estado. O círculo fatal da crise do capital fechar-se-á na falência do Estado.

P- Existe uma corrente de economistas que diz que as consequências para a economia do Brasil serão menores, pois o país estaria com os fundamentos econômicos melhores, que os bancos estão mais sólidos, etc. Como o sr. avalia esse tipo de discurso?

R- Não tem pé nem cabeça. Que isso seja dito pelo governo, com seus interesses políticos (que são os do grande capital) se entende (mas não se concorda). Que seja dito por economistas, supostamente “científicos”, supostamente “independentes”, é um escândalo. A crise está potencialmente presente no Brasil desde o seu início, em agosto de 2007. O crescimento da Bolsa foi alimentado, no Brasil, por bancos locais que recorreram à liquidez internacional, ou seja, ao endividamento. Com taxas de juros extravagantes e uma moeda em constante apreciação, o Brasil atraiu massas enormes de capital especulativo, que começou a se retirar com a crise internacional. Um título público brasileiro, que vence em 2045, oferece 7,5% de interesse por cima da inflação, o mesmo título do Japão paga somente 1%; tomar emprestado em Tóquio para investir em São Paulo converteu-se no “negócio da China” para os bancos que operam no Brasil. As quedas espetaculares que afetaram o Bovespa, em reação às quedas internacionais, foram e são a manifestação da